

TERRITORIALIDADE E DESLOCAMENTOS FORÇADOS: CUIDADO, SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA E AFRO- COLOMBIANIDADE NOS KILOMBOS DE BOGOTÁ



V SICCAL

[GT2 - TERRITÓRIOS, TERRITORIALIDADES E MOVIMENTOS SOCIAIS]

Helena Sabino Rodrigues Cunha

Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam - USP), São Paulo, SP

Marcelly Machado Cruz

Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam - USP), São Paulo, SP

Mayã Martins Correia

Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam - USP), São Paulo, SP

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

O presente trabalho busca analisar a construção de horizontes de resistência de afro-colombianos deslocados através da organização de mulheres em quilombos localizados na cidade de Bogotá. Desde o final dos anos 1990, atores armados avançam no pacífico colombiano, modificando abruptamente a política e a produção territorial, com ameaça à integridade social e cultural de grupos compostos por afro-colombianos, indígenas e camponeses. Bogotá, a segunda maior cidade quanto à chegada dos deslocados internos, abriga mais de uma dezena de quilombos, que consistem em espaços de saúde integral intercultural, destinados, sobretudo, aos afro-colombianos. O foco deste trabalho situa-se na participação de mulheres que, enquanto corpos-territórios, ocupam a posição de matronas, atuando na coordenação dos quilombos. Compreende-se os quilombos enquanto espaços de práticas de cuidado, onde o inédito-viável aflora e possibilita a reapropriação do espaço-corpo.

Palavras-chave: Afro-colombianos. Deslocamento. Corpo-território. Espaço-corpo. Inédito-viável.

This study aims to analyse the construction of resistance horizons of displaced afro colombians through women's organisation in quilombos placed in Bogota. Since the late 1990s, armed actors have been moving forward through the Colombian Pacific, abruptly modifying the politics and the territorial production, threatening the social and cultural integrity of groups composed of afro colombians, indigenous people and peasants. Bogota, the second largest city in terms of the arrival of internally displaced people is home to more than ten quilombos, which consist in spaces of intercultural and integral health, mainly dedicated to afro colombians. The focus of this study is in the participation of women who, as body-territories, take the position of matronas, playing a part in the coordination of the quilombos. The quilombos are comprehended as spaces of health practices, where the inédito-viável emerges and enables the reappropriation of the space-body.

Keywords: Afro colombians. Displacement. Body-territories. Space-body. Inédito-viável.

El artículo busca analizar la construcción de horizontes de resistencia de afrocolombianos desplazados a través de la organización de mujeres en quilombos ubicados en Bogotá. Desde los fines de los años 1990 actores armados avanzan en el pacífico colombiano, cambiando abruptamente la política y la producción territorial, con amenaza a la integridad social y cultural de grupos compuestos por afrocolombianos, indígenas y campesinos. Bogotá, la segunda mayor ciudad en cuanto a la llegada de los desplazados internos, abriga más de una decena de quilombos, que consisten en espacios de salud integral intercultural, destinados,

sobre todo, a los afrocolombianos. El centro de este artículo se sitúa en la participación de mujeres que, en cuanto cuerpos-territorios, ocupan la posición de matronas, actuando en la coordinación de los kilombos. Se comprende los kilombos en cuanto espacios de prácticas de cuidado, donde el inédito-viável se sobresale y permite la reappropriación del espacio-cuerpo.

Palabras clave: Afrocolombianos. Desplazamiento. Cuerpo-territorio. Espacio-cuerpo. Inédito viável.

Introdução

A população afrodescendente colombiana constitui 9,34% da população do país, de acordo com dados de 2018 da **Encuesta de Calidad de Vida** (ECV) elaborada pela **Dirección Nacional de Estadística** (DANE)¹. Tal parcela populacional enquadra-se no conjunto de categorias classificado pela sigla NARP: Negra, Afro-colombiana, Raizal, Palenquera. A NARP inclui três grupos étnicos, conforme a terminologia da DANE: raizales do arquipiélago de San Andrés, Providencia e Santa Catalina; Palenqueros de San Basilio; negros, mulatos, afrodescendentes e afro-colombianos. O percentual apresentado pela DANE é contestado. Algumas organizações sustentam que no mínimo 25% da população é formada por afro-colombianos (RESTREPO, 2018). Há autores, como Hernández (2012), que corroboram tal dado ao considerar que aproximadamente 26% do contingente populacional nacional é composto por afro-colombianos.

Algumas localidades da Colômbia têm o predomínio de população afro-colombiana, sobretudo na região do Pacífico. Há uma especificidade conceitual nas pesquisas com enfoque no Pacífico colombiano, tratando-se do conceito de território-região, um termo originário dos movimentos e comunidades locais a partir da década de 1990. O território-região expressa uma matriz complexa de processos que unem de forma relacional a população e os ecossistemas

habitados, com uma proposta reflexiva com base no desenvolvimento, na conservação e na sustentabilidade (ESCOBAR, 2008). Trata-se de uma construção política para a defesa de territórios, de modo que o conceito conecta o projeto de vida da comunidade com o projeto político articulado pelos movimentos sociais, sendo, segundo Escobar (2008) uma inovação tanto conceitual quanto política.

O conceito de território-região pode, portanto, ser nomeado como uma estratégia de localização subalterna que ancora iniciativas auto-organizadas e cria relações de solidariedade (ESCOBAR, 2008). A época de formulação do conceito de território-região coincide com o começo dos ataques contínuos ao Pacífico colombiano. Desde o final dos anos 1990 atores armados ameaçam as unidades territoriais e a integridade social e cultural de grupos que são compostos não apenas por afro-colombianos, mas, igualmente, por indígenas (ESCOBAR, 2008). Para Viana (2009), o conflito armado – entre governo nacional e guerrilhas e entre guerrilhas e paramilitares – fornece motivos parciais para a desterritorialização, pois o contexto de violência também está relacionado às motivações sociais e às disputas por territórios de importância geoestratégica.

A desterritorialização é acompanhada por ameaças contínuas contra ativistas, em um confronto pelo controle de recursos naturais que negligencia os direitos da população local e a regulamentação ambiental (ESCOBAR, 2008). As comunidades locais também são afetadas pelo governo, que realiza a fumigação de áreas utilizadas para plantio do narcotráfico, prejudicando os cultivos das comunidades e causando danos à saúde de pessoas e de

¹ Disponível em: <https://www.dane.gov.co/index.php/estadisticas-por-tema/salud/calidad-de-vida-ecv/encuesta-nacional-de-calidad-de-vida-ecv-2018>. Acesso em 10/10/2021.

animais (SILVA, 2012). Ativistas apontam que tais processos objetivam eliminar grupos do Pacífico que têm culturas diversificadas (ESCOBAR, 2008).

Deslocamentos internos

De acordo com dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)², a Colômbia é o país que possui o maior número de deslocados internos, com 7,4 milhões de deslocados registrados atualmente. Segundo o *Internal Displacement Monitoring Centre* (IDMC)³, que monitora deslocamentos internos e integra o *Norwegian Refugee Council* (NRC), em 2019 existiam 5.576.000 colombianos que permaneciam, em comparação com 2018, em situação de deslocamento interno devido a conflitos, além de surgirem 139.000 novos deslocados internos em função de conflitos.

Durante todo esse período constatou-se que movimentos foram desmobilizados, estruturas institucionais ficaram fragilizadas e houve a instalação de uma economia criminosa fundada na produção de coca, dentre outras consequências (ESCOBAR, 2008). A prática do deslocamento é um traço que integra a modernidade e o desenvolvimento eurocêntrico, que demandam a contínua conquista de

territórios e populações (ESCOBAR, 2008). A partir de entrevistas feitas com membros de comunidades e ativistas, Silva (2012) considera que não é suficiente a explicação do deslocamento pelo conflito armado, sendo o motivo mais factual apresentado nas entrevistas a exploração dos territórios com o objetivo de firmar a execução de megaprojetos infraestruturais e de expandir o agronegócio. Tanto em uma situação quanto na outra o Estado possui afinidade com esses interesses e atua como um parceiro na exploração dos territórios com biodiversidade abundante (SILVA, 2012).

A *Coordinación de Mujeres Afrocolombianas Desplazadas en Resistencia* (COMADRE) da *Asociación Nacional de Afrocolombianos Desplazados* (AFRODES), que reúne 160 organizações, assinala a importância do território para as mulheres afrocolombianas deslocadas. Em publicação em rede social em outubro de 2021⁴, a COMADRE aponta que as reconfigurações territoriais geradas pelos deslocamentos internos provocam uma preocupação com a perda de tradições culturais e de transformações da identidade. Tais processos são vivenciados pelas mulheres de forma mais vulnerabilizada, pois o deslocamento para as grandes cidades é acompanhado pela re-vitimização presente em diversas formas de discriminação, estigmatização e assédio sexual que as mulheres afro-colombianas sofrem. Apesar de ser relevante a atenção sobre os novos territórios nos lugares de acolhimento, continua sendo primordial ter soluções para as questões que envolvem os lugares de origem.

² Disponível em: www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/deslocados-internos. Acesso em: 10/10/2021.

³ Disponível em: www.internal-displacement.org/. Acesso em: 10/10/2021.

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CUqpT41sX-F/>. Acesso em: 19/10/2021.

Em Bogotá

Há diferenças nos indicadores de qualidade de vida entre os municípios de origem dos deslocados internos e os municípios receptores. De acordo com Viana (2009), 97% dos primeiros possuem um nível de presença institucional inferior ou próximo da média nacional. Em seu turno, os 20 municípios que recebem 66% dos deslocados têm um nível de presença institucional significativamente superior à média nacional (VIANA, 2009). Observa-se, portanto, tanto um cenário de distinções intermunicipais quanto uma relação direta entre os municípios de egresso dos deslocados internos e a fragilidade da presença do Estado.

Em virtude do Estado colombiano adotar desde a Constituição de 1886 o modelo unitário e centralista como preferido (CHUEIRI; VALENCIA-TELLO, 2014), uma bandeira dos conservadores à época, Bogotá torna-se, de início, o principal destino nos deslocamentos ocorridos a partir do final do século XX, de acordo com González Zambrano (2012). Em meados de 2010, Bogotá é a segunda maior cidade quanto à chegada dos deslocados, sendo que 9,3% do contingente populacional oriundo dos deslocamentos é composto por afro-colombianos (BANQUERO, 2015). A intensificação dos deslocamentos internos coincide com o período do “milagre de Bogotá”. Com inspiração no Modelo de Barcelona, a Bogotá dos anos 1990 adota o planejamento comunicacional, implementando três documentos básicos: Acordo 6 de 1990, Plano Estratégico de Bogotá 2000

e o Plano de Planejamento Territorial, também de 2000 (MONTTOYA, 2014).

De acordo com Montoya (2014), existe uma ligação estreita entre a época do “milagre de Bogotá” e a governança neoliberal, existindo foco na competitividade territorial e urbana, com destaque para o marketing da cidade e a colaboração público-privada. Houve, inclusive, transferência de responsabilidades do Estado para o setor privado (MONTTOYA, 2014). Mesmo com o advento de normas incentivadoras da participação da sociedade civil com o objetivo de executar um planejamento mais democrático - como é, por exemplo, a orientação dos processos territoriais a partir da Lei 388 de 1997 (RESTREPO RUIZ, 2019) -, o plano ideológico do planejamento fundamenta-se em um projeto das elites, o qual é dissimulado como um projeto comum (MONTTOYA, 2014).

O planejamento urbano de Bogotá encontra-se inserido, portanto, em uma lógica de competitividade territorial e urbana que, sendo fruto de uma formulação elitista, bem como racista, recusa a diversidade e comprime os afro-colombianos deslocados e estabelecidos em Bogotá na direção de um mimetismo cultural progressivo, desconSIDERANDO suas identidades na reterritorialização e compelindo a alienação de suas identidades para que sejam conformados enquanto somente sujeitos urbanos (BANQUERO, 2015). Tal contexto é acompanhado por uma lógica econômica que busca a homogeneização a partir da ideia de cidadão consumidor, sobrepondo-o à organização social e aos direitos coletivos (BANQUERO, 2015).

Mobilização comunitária

As práticas de organização coletiva em Bogotá são afastadas pelas dinâmicas neoliberais do Estado. O deslocamento forçado gera a perda de relações de cooperação entre aqueles que eram membros das comunidades locais, rompendo o tecido social (VIANA, 2009). Há, portanto, não somente uma perda territorial mas também um rompimento de laços fundamentais da vida comunitária, ainda que os sentimentos não se desintegram repentinamente (SILVA, 2012). Além dos **kilombos**, tratados a seguir no presente texto, outro locus relevante para a manutenção de laços são os restaurantes geridos pelos afro-colombianos deslocados, a exemplo do restaurante **Sabores del Pacífico**, que existe há mais de trinta anos e está localizado no centro de Bogotá. Tal restaurante não apenas comercializa a culinária tradicional da costa pacífica, mas também atua como um centro de congregação de quem habitava essa região, incentivando a manifestação da afro-colombianidade, assim como os **kilombos**.

Os esforços da já citada COMADRE, grupo de mulheres da AFRODES, rumam no sentido de identificar as violências cometidas contra as mulheres afro-colombianas deslocadas em Bogotá. Em novembro de 2018 o grupo reuniu mulheres de oito localidades da capital - Engativá, Bosa, Kennedy, Rafael Uribe Uribe, San Cristóbal, Ciudad Bolívar, Candelaria, Tunjuelito y Usme - com a **Alta Consejería para los Derechos de las Víctimas, la Paz y la Reconciliación**, objetivando determinar as violências contra as mulheres afro-colombianas deslocadas. Foram apontados casos de racismo, discriminação, violência sexual, ameaças

e agressões físicas, além do assassinato de filhos das lideranças da COMADRE e deslocamento intraurbano. Conforme a fala de Luz Marina Becerra, Secretária Geral da AFRODES e diretora nacional da COMADRE à época⁵, as mulheres afro-colombianas deslocadas, enquanto vítimas dos horrores da guerra e da violência na Colômbia, exigem do estado a reparação coletiva, de modo que vêm caracterizando essas práticas a partir de um exercício de liderança na reivindicação de seus direitos como mulheres vítimas do conflito armado. Tais debates avançam. Em 19 de outubro de 2021 ocorre a série de audiências comunitárias territoriais sobre violência baseada em gênero em comunidades afrodescendentes na Colômbia, intitulada **Mujeres Negras, ¿Y el “Estado” qué?**⁶, com organização pelo **Observatorio Vigía Afro** do **Proceso de Comunidades Negras** (PCN). O objetivo desse evento é dialogar sobre a violência institucional contra as mulheres afro-colombianas e, dentre outras temáticas, refletir acerca das remoções das terras, titulação coletiva e turismo informal.

Foi em Bogotá que os afro-colombianos, de forma geral, começaram a se organizar, realizando no ano 2000 o Primeiro Encontro Nacional de Afro-colombianos Deslocados. Sediado em Bogotá, o encontro apontou como política geral o princípio de retorno ao Pacífico (BANQUERO, 2015). Em pesquisa sobre ação coletiva dos grupos

5 Disponível em: <http://www.afrodescolombia.org/la-comadre-afrodes-jornada-caracterizacion-alta-consejeria-la-ciudad-bogota/>. Acesso em: 10/10/2021.

6 Disponível em: <https://www.facebook.com/Vig%C3%ADaafro-104569875325858/>. Acesso em: 19/10/2021.

negros na Colômbia, González Zambrano (2012) destaca, além dos já mencionados AFRODES e PCN, o Movimiento Cimarrón, o Ormuafro, o Ecotambor. Conforme a pesquisa de González Zambrano (2012), as identidades coletivas são criadas por esses grupos com alicerce na caracterização étnico-social de ser afro-colombiano.

Um dos resultados mais expressivos da pressão das organizações afro-colombianas na capital está em uma política pública da Prefeitura de Bogotá normatizada como Convênio 175. Tal política estabelece diretrizes para as ações destinadas a essa parcela da população. Regulamentou-se um órgão, atualmente extinto, que se articulava enquanto um espaço de organização política e de gestão de demandas para o Estado (BANQUERO, 2015). Entretanto, as dinâmicas neoliberais do Estado não fomentam as práticas de organização coletiva em Bogotá, pelo contrário, estimulam o individualismo e modos de assistência que definham a estrutura organizacional de caráter comunitário (BANQUERO, 2015). A partir dos debates de tal contexto, a AFRODES aponta como agenda em informe apresentado em 2009 ao Comité para la Eliminación de la Discriminación Racial (CERD): a prevenção do deslocamento; o fundamento das políticas na concepção e relação particular com os territórios e a cultura; tratar a proteção como um processo abrangente; abordar os problemas específicos dos subgrupos (em relação aos marcadores de gênero, idade e deficiência) e; atentar para outras situações de vulnerabilidade específica.

Especificamente acerca da consolidação de uma comunidade afro-colombiana em Bogotá, há um dissenso sobre os efeitos dessas mobilizações. De acordo

com Banquero (2015), seria impossível considerar a existência de tal comunidade – afro-bogotana, em seus termos – em decorrência da inexistência de características que construam e articulem identidades e reconhecimentos solidificadores de um grupo orgânico que, em seu turno, representa a população afro-colombiana de Bogotá tanto na base das mobilizações quanto em um corpo representativo. Para González Zambrano (2012), em seu turno, existe, para além da constituição de uma identidade afro-colombiana compartilhada, a formação de uma “nova força política em movimento” (GONZÁLEZ ZAMBRANO, 2012: 140). A autora considera que há, assim, a “constituição de um movimento afro-colombiano de características urbanas” (GONZÁLEZ ZAMBRANO, 2012: 141).

Os kilombos

A presença afro-colombiana em Bogotá encontra-se majoritariamente nas localidades com os menores estratos socioeconômicos, situadas ao leste da cidade. As localidades de Bogotá com maior percentual de população negra, sinal de que potencialmente receberam mais afro-colombianos deslocados, são, em lista progressiva: Bosa, San Cristobal, Tunjuelito, Ciudad Bolívar, Mártires, Santa Fe, Kennedy, Antonio Nariño, Puente Aranda, Rafael Uribe (AROCHA, 2002). Tais localidades também relacionam-se com a localização dos **kilombos**, os quais são, de acordo com cartilha da **Secretaría de Educación** del Distrito (2020), espaços de saúde integral intercultural, focados na população afro-colombiana e,

ademais, na parcela populacional indígena, com cuidados ofertados para a população em geral.

As localidades dos seis primeiros *kilombos* e seus respectivos nomes (provenientes de ancestrais africanos) são: Bosa: Niara Sharay; Santafé: Razana Candelaria; Antonio Nariño: Yumma; Suba: Sirema, San Cristóbal: Los Griots; Kennedy. Dez dos *kilombos* são institucionais, em parceria com o Ministério da Saúde, estando situados nas localidades Bosa, Usme, Ciudad Bolívar, Teusaquillo, Candelaria, Usaquén, Chapinero, Barrios Unidos, Rafael Uribe e Tunjuelito.

Além do apoio da prefeitura de Bogotá, nos *kilombos* institucionais os funcionários são contratados, recebendo salário da Secretaria de Saúde. Ademais de somente esses *kilombos* possuírem suporte institucional permanente, nem todos possuem sequer um espaço físico fixo a ser mantido pelos frequentadores. Há *kilombos* que são itinerantes, de modo que existem materialmente por meio de itinerários pelas residências disponibilizadas para que o *kilombo* seja materializado no decorrer de um tempo específico.

Em reportagem publicada na revista *Colombia Informa*⁷, são sistematizadas entrevistas com *matronas*, que são uma espécie de coordenadoras do *kilombos*. Apresenta-se a compreensão de que os

kilombos possuem um papel tanto simbólico quanto de um trabalho real, permitindo formar comunidade apesar do cenário de deslocamento. Há o destaque para os conhecimentos tradicionais, a educação popular, a memória coletiva e as reivindicações por direitos. Tais reivindicações demandam, para além do reconhecimento legal, que as maneiras subjetivas afro-colombianas de ver e entender o mundo sejam reconhecidas a partir dos territórios de origem, como forma de respeito a esses territórios. Ressalta-se, igualmente, o papel da autonomia na consolidação das comunidades afro-colombianas no contexto de deslocamento, com uma busca emancipatória na atualização da construção de vínculos comunitários.

Relatos acerca do *kilombo* localizado em Rafael Uribe são apresentados pela jornalista Laura Daicz, em publicação na revista O70⁸. A vulnerabilidade específica das mulheres é enfatizada na entrevista cedida por Luz Marina Becerra, que liderou um processo em âmbito nacional para que mulheres afro-colombianas deslocadas fossem cadastradas em uma Unidade de Vítimas para receber uma reparação coletiva. Alguns dos entrevistados por Daicz aguardam ter a segurança para retornar ao território de origem, enquanto outros não pretendem voltar, mas estabelecer-se em Bogotá. A permanência, todavia, é uma questão para as lideranças sociais, que frequentemente recebem ameaças e não raramente são obrigadas a novamente

⁷ “Una tarde de Kilombo, medicina ancestral afro”. *Colombia Informa*. Por Editora Bogotá. 26/08/16. Disponível em: www.colombiainforma.info/reportaje-una-tarde-de-kilombo-medicina-ancestral-afro/. Acesso em: 10/10/2021.

⁸ “La resistencia afro en Bogotá”. *Revista O70, UNIANDE*. Por Laura Daicz. 15/08/2019. Disponível em: <https://cerosetenta.uniandes.edu.co/la-resistencia-afro-en-bogota/>. Acesso em: 10/10/2021.

se deslocarem. Essas lideranças, fugindo de ameaças, mudam-se de uma localidade para outra da cidade, o que se enquadra na definição de deslocamento intraurbano, o qual é reforçado em Bogotá pelos altos custos dos aluguéis.

Igualmente na reportagem de Daicz, é apresentada a história de Julissa Mosquera, que ocupa a posição de *matrona* em Rafael Uribe. Em entrevista à reportagem, Mosquera relata que o *kilombo* é um lugar de convergência da comunidade negra, mesmo que não esteja em seu território. Desse modo, de acordo com Mosquera, o *kilombo* atua como um fractal desse território, detendo elementos que remetem a ele, como, por exemplo, a presença de plantas costumeiras das localidades de onde vieram os deslocados, tal como a hortelã-pimenta.

Segundo a pesquisa de Alvarado Suescún (2020), as hortas urbanas mantidas pelos *kilombos* em Bogotá incentivam as tradições afro-colombianas, assim como as tradições camponesas, trazendo maior visibilidade na cidade aos deslocados. A partir do *kilombo* Razana, situado na localidade de Candelaria, Alvarado Suescún (2020) reflete sobre como essas hortas envolvem os deslocados nas mudanças de Bogotá, pois incentiva a participação local e a autogestão econômica e social.

Ainda conforme as entrevistas da reportagem de Daicz, no *kilombo* de Rafael Uribe alternam-se as atividades para prevenção e tratamentos de doenças, atendimento de obstetrícia, serviços de rezadeiras e atividades vinculadas à esfera da cultura, a qual inclui músicas e contações de histórias. A esfera do cuidado, pode ser considerada, de acordo com a conceituação

de Batthyány (2017), com um campo da proteção social que deve estar incluído na agenda pública. Há, ademais, a presença de ações específicas para treinamento político. Observa-se, assim, a relevância nos *kilombos* tanto do mútuo cuidado quanto da formação política, os quais se constituem como elementos essenciais para a manutenção da afro-colombianidade dentre os deslocados que habitam Bogotá.

Construção de inédito-viável

Compreende-se os *kilombos* enquanto espaços de resistência comunitária que rompem com as lógicas neoliberais e individualizantes da gestão territorial de Bogotá. Essas novas territorialidades, tecidas a partir de laços de solidariedade, reciprocidade e identificação entre sujeitos deslocados, constroem à “contrapelo” alternativas outras de existência e de possibilidade histórica. Anunciam através de sua práxis transformadora no mundo a construção de “inéditos-viáveis” a partir das “situações-limite” impostas pela ideologia dominante do fatalismo neoliberal que imobiliza e aliena (FREIRE, 2016).

Se por um lado, a reterritorialização forçada pelo projeto urbano neoliberal desarticula a organização societal e social dos sujeitos racializados que são obrigados a migrar, por outro, estes mesmos sujeitos materializam, a partir do coletivo, experiências refratárias ao urbanismo capitaneado pelo mercado. Os *kilombos* são experiências concretas fundadas pelos laços de pertencimento e pela partilha na

reciprocidade que atuam de acordo com uma racionalidade outra que não a razão neoliberal. Em lugar do individualismo, da segregação e da competição, os **kilombos** são territórios onde os sujeitos, como corpos conscientes e totalidades, vivem e convivem promovendo um outro mundo possível pautado na “ética universal do ser humano” (FREIRE, 2014).

A valorização do saber da experiência, bem como de conhecimentos oriundos de uma outra lógica do ser, poder e saber integram a ação e reflexão dos sujeitos dos **kilombos** e suas relações intersubjetivas. Enquanto a subjetividade neoliberal aliena e extermina tudo aquilo que não compõe o imaginário social da modernidade eurocêntrica (QUIJANO, 2010), os **kilombos** apresentam resistência contra o mimetismo cultural e a homogeneização das epistemologias, ontologias e cosmovisões; são inéditos-viáveis que inauguram um espaço-tempo outro onde a organização social e societal dos sujeitos desapropriados e desterritorializados é recriada crítica e criativamente na coletividade e reafirmada sua agência política e epistêmica.

Considerando o território “o espaço apropriado por uma determinada ação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder” (FERNANDES, 2005, p. 276), depreende-se que a participação das **matronas** na coordenação de **kilombos** representa um rompimento com poderes coloniais e patriarcais historicamente definidos. Ao se reterritorializarem em comunidades onde o cuidado emerge como prática coletiva de sobrevivência, estas mulheres se re-apropriam de seu espaço-corpo (SEGATO, 2004),

dando novos significados a territórios onde seus corpos eram objetos de violência e possibilitando a criação de estruturas mais igualitárias, que colocam no centro o comunitário como forma de vida. Deste modo, partindo da premissa de que os corpos também são determinados pelas construções culturais que estão na base da ideia de território, comunidade e contexto, seus corpos-territórios (HERNÁNDEZ, 2016) são protagonistas de um novo vir-a-ser, que por sua vez se reconecta com os territórios-região de onde foram expropriadas. Segundo Hernández (2016),

[...] o corpo visto como território é em si mesmo um espaço, um território-lugar, que ocupa, ademais, um espaço no mundo e pode vivenciar todas as emoções, sensações e reações físicas para encontrar nele um lugar de “resistência” e ressignificação (p. 42, tradução nossa).

Um conceito que ancora a compreensão acerca da importância dos **kilombos**, alinhado à já citada formação política em tais espaços, é o de socialização política, que, de acordo com Fernandes (1999), é assim definido por ser simultaneamente um espaço comunicativo, um espaço interativo e um espaço de luta e resistência. Nesse sentido, os corpos-territórios das mulheres afro-colombianas, que não são apenas colocados sob os **kilombos**, mas sim os constituem como sua parte integrante, ressignificam o seu estar no mundo e, por meio de um processo de socialização política, abandonam a posição de vítimas de violência e colocam-se enquanto parte da construção coletiva do inédito-viável, resgatando a memória coletiva de seus territórios-região.

Consideração finais

A desterritorialização de comunidades afro-colombianas, fruto da gestão neoliberal e do avanço do agronegócio sobre seus territórios, é responsável pela produção do maior número de deslocados internos do planeta. Ao serem deslocadas de seus territórios-região, estas comunidades são afetadas não apenas pela perda de suas terras, mas também pela fragmentação de suas identidades e de sua organização coletiva, uma vez que o território integra, a um só tempo, projeto político e projeto de vida de tais comunidades. As mulheres são particularmente mais vulnerabilizadas em decorrência da re-vitimização diante da discriminação, da estigmatização e do assédio sexual que acompanham o processo de deslocamento e de reterritorialização.

Os *quilombos* localizados na cidade de Bogotá representam, nesse sentido, uma prática de resistência coletiva ao projeto urbano neoliberal individualizante, a partir de um processo de reterritorialização das comunidades deslocadas internamente. A participação de mulheres enquanto *matronas* de tais espaços de socialização política, que com seus corpos-territórios resgatam a prática coletiva do cuidado e da coletividade, é peça-chave na construção de um inédito-viável, pautado na autonomia epistêmica e política de suas comunidades, em profunda conexão com seus ecossistemas. Assim, de vítimas de violência de gênero, estas mulheres passam a ser parte central e constitutiva deste novo vir-a-ser, no qual os cuidados e a solidariedade emergem como prática política. ■

[HELENA SABINO RODRIGUES CUNHA]

Bacharela em Relações Internacionais pela USP e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM/USP). Integra o Núcleo de Pesquisa Diálogos Interseccionais e Epistemologias Latino-Americanas (NUPEDELAS). Bolsista CAPES. E-mail: helena.cunha@usp.br

[MARCELLY MACHADO CRUZ]

Bacharela em Relações Internacionais pela UNISC e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM/USP). Integra o Núcleo de Pesquisa Diálogos Interseccionais e Epistemologias Latino-Americanas (NUPEDELAS). Bolsista CAPES. E-mail: marcelly@usp.br

[MAYÃ MARTINS CORREIA]

Bacharela em Ciências Sociais pela UFRJ, mestra pelo PPGAS/USP e doutoranda pelo PROLAM/USP. Integra o Núcleo de Pesquisa Diálogos Interseccionais e Epistemologias Latino-Americanas (NUPEDELAS), o CriDiCa/UFF e o Museu das Remoções. Bolsista CAPES. E-mail: maya@usp.br

Referências

ALVARADO SUÉSCUN, Lina María. **Kilombo Razana en el marco de Identidad de la Mujer Afrocolombiana en Bogotá D.C “Estrategia mutual de despliegue étnica-comunitaria”**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Comunitária). Escuela de Ciencias Sociales, Artes y Humanidades, Universidad Nacional Abierta y a Distancia, Bogotá, 2020, 128 p.

AROCHA, Jaime. **Mi gente en Bogotá**: estudio socioeconómico y cultural de los afrodescendientes que residen en Bogotá. Alcaldía Mayor de Bogotá. Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2002.

BANQUERO, Patrick Durand. Organización política de los afrocolombianos residentes en Bogotá. **Hallazgos**, Bogotá, v. 12, n. 23, 2015, s/p.

BATTHYÁNY, Karina. Articulación entre vida laboral y vida familiar. Las prácticas de cuidado infantil de trabajadoras asalariadas de Montevideo. In: GUTIÉRREZ, María Alicia (org.). **Género, familias y trabajo**. Buenos Aires: CLACSO, 2007.

CHUEIRI, Vera Karam de; VALENCIA-TELLO, Diana Carolina. Descentralización y re-centralización del poder en Colombia: La búsqueda de equilibrios entre la nación y las entidades territoriales. **Díkaion**, Chia, v. 23, n. 1, p. 171-194, 2014.

ESCOBAR, Arturo. **Territorios de diferencia**: Lugar, movimientos, vida, redes. Popayán (Colômbia): Samava Impresiones, [2008]. 2010.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: Contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **OSAL**, ano VI, n. 16, 2005. p. 273-283.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro**: formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – 1979-1999. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999, 316 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Notas de Ana Maria Araújo Freire. 23. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GONZÁLEZ ZAMBRANO, Catalina. **De negros a afrocolombianos. Oportunidades políticas e dinâmicas de ação coletiva dos grupos negros na Colômbia**. Dissertação

(Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, 158 p.

HERNÁNDEZ, Delmy Tania Cruz. Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos. **Solar**, ano 12, vol. 12, n. 1, Lima, 2016, p. 35-46.

HERNÁNDEZ, Tanya Katerí. **Subordinação racial no Brasil e na América Latina**: o papel do Estado, o Direito Costumey e a nova resposta dos Direitos Civis. Salvador: EDUFBA, [2012] 2017, 231 p.

MONTOYA, Jhon Williams. Bogotá, urbanismo posmoderno y la transformación de la ciudad contemporánea. **Norte Grande**, n. 57 Santiago, mai, 2014, p. 9-32.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do sul**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.

RESTREPO, Eduardo. Etnización de la negritud: contribución a las genealogías de la colombianidad. In: RESTREPO, Eduardo; CASTRO-GÓMEZ, Santiago (orgs). **Genealogías de la colombianidad. Formaciones discursivas y tecnologías de gobierno en los siglos XIX y XX**. Bogotá: Universidad Javeriana, 2010, p. 96-132.

RESTREPO RUIZ, Alfredo. Aproximación a la planeación urbana en Colombia. Apuntes para su comprensión histórica. **Estudios demográficos y urbanos**, México, vol. 34, n.3 2019, p. 665-690.

SEGATO, Rita Laura. Territorio, soberanía y crímenes de segundo estado: la escritura en el cuerpo de las mujeres asesinadas en Ciudad Juárez. **Série Antropologia**, n. 362, Brasília, 2004, p. 1-16.

SILVA, Vera Regina Rodrigues da. **Entre quilombos e palenques**: um estudo antropológico sobre políticas públicas de reconhecimento no Brasil e na Colômbia. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, 292 p.

VIANA, Manuela Trindade. Cooperação internacional e deslocamento interno na Colômbia: desafios à maior crise humanitária na América do Sul. **Sur Revista Internacional de Direitos Humanos**, ano 6, n. 10, São Paulo, jun., 2009, p. 138-161.